

ATITUDES FACE À HOMOSSEXUALIDADE ENTRE OS FUTUROS PROFESSORES DE BIOLOGIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO GERAL EM MOÇAMBIQUE

Juvêncio Manuel NOTA¹

Teresa VILAÇA²

Carla MABOTE³

2

RESUMO: A hostilidade em relação às pessoas não-heterossexuais, comumente chamada de discriminação sexual, homofobia ou homo-negatividade, é um fenômeno evidente em várias sociedades e culturas, quer ocidental quer africana, visível nas escolas moçambicanas. A profissão docente é uma ocasião não só para reproduzir os padrões sociais e normativos sexuais, mas também para questionar, discutir e desconstruir todas as "verdades" acabadas e recebidas muitas vezes de forma acrítica pelos estudantes e a sociedade em geral. Neste contexto, esta investigação tem como objetivo analisar quais são as atitudes de alunos do Curso de Licenciatura em Educação em Biologia de Moçambique em relação a gays e lésbicas. Foi selecionada uma amostra (N=127) composta por estudantes universitários matriculados, do primeiro ao último ano em curso de Licenciatura em Ensino de Biologia na Faculdade de Ciências Naturais e Matemática da Universidade Pedagógica de Maputo. Uma escala de atitude para gays e lésbicas, que incluiu quatro fatores (condenação do comportamento homossexual, moralidade, contato com os homossexuais e estereótipos) foi utilizada como instrumento de coleta de dados. Os resultados mostraram que os estudantes tinham atitudes moderadamente negativas em relação aos homossexuais, as quais foram influenciadas pela experiência docente, idade, estado civil, religiosidade e conhecimento de pessoas homossexuais, enquanto que as variáveis como género, área e local de residência, não tiveram efeitos estatisticamente significativos sobre as atitudes em relação aos homossexuais. Os resultados deste estudo mostram como é urgente trabalhar a diversidade sexual e, mais especificamente, a homo-negatividade, na formação inicial de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Homo-negatividade. Homossexuais. Formação inicial de professores de Biologia.

Introdução

A construção atitudinal mais disseminada no que diz respeito à homossexualidade é a *homofobia* (RIOS, 2009), que enquanto forma de expressão de atitudes negativas, “[...] provoca como reação, um comportamento preconceituoso e

¹ UP - Universidade Pedagógica. Faculdade de Ciências Naturais e Matemática. Maputo – Moçambique – África. 1100 – jnota@hotmail.com

² Uminho - Universidade do Minho. Instituto de Educação. Braga – Portugal. 4704-553 - tvilaca@ie.uminho.pt

³ UP - Universidade Pedagógica. Faculdade de Ciências Naturais e Matemática. Maputo – Moçambique – África. 1100 – kamabote@hotmail.com

uma estereotipização da pessoa ou do povo sobre o qual se tem crenças negativas.” (HARDIN, 2000, p.59). Neste sentido, parece-nos oportuno propor, inicialmente, uma breve reflexão acerca do conceito de “homofobia”, com o intuito de discutir as diferentes formas como é expressa. O termo *homofobia* é um neologismo resultante da justaposição de dois radicais gregos— ὁμός (*homos* = semelhante) e φόβος (*phobikos* = temor, medo) – que se difundiu após o psicólogo clínico George Weinberg (1972 apud JUNQUEIRA, 2009, p.370) definir homofobia como “[...] medo ou aversão de estar próximo de homossexuais.” Este conceito teve logo uma grande abrangência semântica ampliada e passou a englobar uma variada gama de sentimentos e atitudes negativas em relação a homossexuais e à homossexualidade. Genericamente, a discriminação e violência baseadas em diferenças de orientação sexual e identidade de gênero são igualmente definidas como **comportamentos de homofobia**. O termo homofobia tem sido utilizado correntemente para conceituar a hostilidade, intolerância e desprezo a qualquer tipo de orientação e identidade sexual diferente da heterossexual (JUNQUEIRA, 2009).

A homofobia é tradicionalmente definida como o “[...] receio/medo, repugnância, ira, desconforto e aversão que a pessoa individualmente experimenta com relação aos homossexuais.” (HUDSON; ROCKETTS, 1980, p.385) ou o medo/receio de partilhar espaços restritos com homossexuais (WEINBERG, 1972). De uma maneira geral, a homofobia é qualquer sistema de crenças, que suporta mitos e estereótipos negativos e uma variedade de atitudes negativas que se expressam através do medo ou apatia em relação a lésbicas ou homens gay (MARTIN, 1982). Recentemente, a homofobia é definida como um constructo psicológico que denota um medo irracional, forte antipatia e ira em relação às lésbicas e homens gay (NAKAYAMA, 1980). Esta ideia é apoiada por Junqueira (2009), para quem a homofobia é um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costuma produzir ou vincular-se a preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade.

Alargando o âmbito do conceito anterior, Lehne (1976 apud GATO et al., 2010), estabeleceu uma relação entre a homofobia e uma visão rígida do binómio masculino-feminino, cunhando o termo **homossexismo** em oposição ao

heterossexismo⁴, algumas vezes usado como sinónimo de homofobia (RIOS, 2009). A homofobia pode, também, ser definida como atitudes negativas ou horror em relação aos homossexuais ou à homossexualidade (SPRECHER; MCKINNEY, 1993 apud WINTER, 2011).

Gato et al. (2010), entendem que este conceito traduz uma reação à violação dos papéis sexuais tradicionais, uma vez que as lésbicas são estereotipadamente vistas como mais masculinas do que as mulheres heterossexuais e os gays como mais femininos do que os homens heterossexuais. Por outras palavras, as atitudes negativas perante a homossexualidade teriam menos a ver com a preferência homossexual do que com uma percepção rígida dos estereótipos e dos papéis de género.

Para Galan et al. (2007 apud MORÁGUEZ et al., 2011), a homofobia dirige-se contra todas aquelas pessoas que se afastam da heteronormatividade, ou seja, aqueles homens que sentem desejo e atração sexual por outro homem e aquelas mulheres que sentem esse mesmo desejo e atração por outras mulheres. É uma atitude hostil que marca a orientação sexual não heterossexual como sendo inferior ou anormal, contranatura (KOPPELMAN; GOODHART, 2005), e às pessoas que a praticam como pecadoras, doentes, delinquentes ou desequilibradas, chegando às vezes ao extremo de despojá-las de sua condição de seres humanos. A homofobia expressa-se em diferentes formas ativas de violência física ou verbal, rejeição silenciosa e institucionalizada das pessoas e em limitação do seu acesso a direitos, espaços, reconhecimento, prestígio e poder (COELHO, 2008; FLEURY; TORRES, 2010).

Herek (2000 apud WINTER, 2011), aponta diferentes factores motivacionais que podem ser responsáveis pela homofobia em determinado indivíduo. Especificamente, afirma que a homofobia pode surgir em resultado de: 1) uma interação/experiência desagradável com pessoas homossexuais; 2) receio/medo de se relacionar com indivíduos homossexuais; 3) da pressão das normas e práticas sociais; 4) do próprio sistema de crenças individuais. Esses quatro factores individualmente podem contribuir para atitudes negativas ou podem, quando combinadas, produzir homofobia em determinada pessoa (WINTER, 2011).

⁴ De acordo com Koppelman e Goodhart (2005) este conceito traduz a ideia segundo a qual as atitudes e comportamentos negativos diante da homossexualidade baseiam-se na crença de que qualquer orientação sexual distinta da heterossexual não é natural e portanto são consideradas práticas pecaminosas e/ou imorais por se distanciarem do normativo sexual. Rio (2009) discute com eloquência as distintas abordagens, tipologias e acepções do conceito homofobia, chegando inclusive concebê-la como uma forma de heterossexismo.

O uso do termo homofobia tem sido criticado por implicar suposições de que as atitudes e os comportamentos anti-homossexuais são produto somente do medo e de que são melhor compreendidos dentro de um modelo de comportamento doentio (HEREK, 1984 apud FLEURY; TORRES, 2010). Por sua vez, Logan (1996 apud GATO et al., 2010), propõe o termo **homopreconceito**. De acordo com esta autora, o termo **homofobia** é inadequado e demasiado restritivo, uma vez que: i) os instrumentos existentes destinados à sua avaliação não captam uma sintomatologia verdadeiramente fóbica; ii) não abarca a diversidade de respostas adversas à homossexualidade; iii) remete a discriminação contra os homossexuais para o plano individual, ignorando os mecanismos religiosos, ideológicos e psicopatologizantes que lhe subjazem.

Outras conceptualizações do preconceito contra as pessoas homossexuais têm surgido nos últimos anos. Por exemplo, Herek (2000 apud FLEURY; TORRES, 2010) propõe que o fenómeno usualmente denominado homofobia seja chamado de **preconceito sexual** e seja definido como atitudes negativas para com um indivíduo devido à sua orientação sexual. Enquanto Morrison e Morrison (2002), propõem a expressão **homonegatividade moderna** para chamar a atenção para as crenças que sustentam as expressões mais contemporâneas do preconceito contra as pessoas homossexuais.

Neste último sentido, como foi explicitado anteriormente, o termo “heterossexismo” e homonegatividade disputam entre si o estatuto de mais adequado para designar a discriminação experimentada por homossexuais e por todos aqueles que desafiam a heterossexualidade como parâmetro de normalidade em nossas sociedades, em detrimento do termo “homofobia”, que pelas críticas que lhe são feitas tem sido ultimamente preterido em vários estudos. Assim, neste artigo será adaptada a terminologia **homonegatividade**, em detrimento da homofobia, por ela refletir atitudes e crenças negativas especificamente dirigidas às lésbicas e homens gay (ELLIS; FOX, 2001 apud ALDERSON et al., 2009). A homonegatividade abrange as atitudes negativas dos heterossexuais em relação: i) ao comportamento homossexual; ii) a pessoas com uma orientação homossexual ou bissexual; iii) a comunidades gays, lésbicas e bissexuais.

Alderson et al. (2009), analisaram a relação entre a homonegatividade e o conhecimento sobre a homossexualidade, tendo concluído existir uma associação muito forte e positiva entre o conhecimento e atitudes, isto é, um maior conhecimento

sobre a homossexualidade está associado a atitudes mais positivas e, portanto, a um baixo homo-negativismo. Da mesma forma baixos níveis de conhecimento acerca da homossexualidade estão negativamente correlacionados com altos níveis de homo-negatividade. De acordo com os mesmos autores, o homo-negativismo pode ser reduzido pelo aumento do conhecimento sobre a homossexualidade. Todavia, outros estudos não encontram a mesma associação positiva entre conhecimento e atitudes (ELIASON; HUGHES, 2004 apud ALDERSON et al., 2009).

Há alguns estudos que têm associado a homonegatividade a um conjunto de variáveis sociodemográficas como religião, género, orientação sexual, idade, residência e tempo de faculdade (para caso de estudantes universitários), proximidade ou contacto com homens gays e/ou mulheres lésbicas, etc. (HEREK, 1988; NICOLS, 1998; LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002; ELLIS; KITZINGER; WILKINSON, 2003; MORGAN, 2003; ARNDT; BRUIN, 2006; TESTOR et al., 2010).

Metodologia

Amostra

No total participaram neste estudo 127 estudantes universitários de ambos os sexos, do primeiro ao quarto ano do curso de licenciatura em ensino de Biologia da Universidade Pedagógica de Maputo, dos quais 44.9% (n=57) era do sexo masculino e 55.1% (n=70) do sexo feminino, assim distribuídos do 1º ao 4º ano: 37 frequentavam o primeiro ano, igual número o segundo ano, 30 estavam no terceiro ano e apenas 23 frequentavam o 4º ano.

No primeiro ano, 51.4% dos estudantes era do sexo masculino e 48.6% do sexo feminino; no segundo ano, 59.5% era do sexo feminino e 40.5% do masculino; no terceiro ano, 66.7% era do sexo feminino e 33.3% do masculino, por fim, o 4º ano era constituído maioritariamente por estudantes do sexo masculino (56.5%), sendo que o sexo feminino era representado por 43.5%.

Relativamente ao perfil etário, observou-se que a maioria da amostra (45.7%, n=58) era constituída por estudantes com idades compreendidas entre os 18-24 anos, seguidos pelos da faixa dos 25-31 anos (22%, n=28), sendo igualmente esta a classe média de idades. Esses dados mostram que se estava em presença de uma amostra

composta por estudantes maioritariamente jovens e com relativo equilíbrio entre os sexos.

Instrumento de recolha de dados

A medição de atitudes face aos homossexuais, gays e lésbicas (ATLG) será baseada no modelo de avaliação da homofobia elaborado por Herek (1988) e utilizado por outros autores como Morgan (2003) e Paterson (2008), nos seus estudos sobre conhecimentos e atitudes dos professores na formação inicial face a estudantes gay; e atitudes de estudantes universitários em relação aos direitos humanos de gays e lésbicas, respetivamente.

Esta escala está dividida em duas subescalas: 10 itens referem-se a afirmações relacionadas com os homossexuais masculinos e 10 itens com as lésbicas. Nessas subescalas, o valor total pode variar de 10 a 50. Herek (1988 apud MORGAN, 2003), aconselha os utilizadores desta escala a calcularem o valor total das subescalas em separado e, quando apropriado, combinarem os dois numa única escala. Nos estudos de Morgan (2003), ambas as escalas estavam fortemente correlacionadas ($r = .637$, $p < .001$). Os testes de confiabilidade de validade mostraram, de acordo com Herek (1988 apud MORGAN, 2003), altos níveis de consistência interna com estudantes universitários, com valores de alfa superiores a .85 nas subescalas e .90 na escala total.

Esta escala antes de ser aplicada neste estudo seguiu um processo de tradução e adaptação cultural dos itens (ver GUILLEMIN et al., 1993). Posteriormente, em resultado da análise factorial exploratória dos resultados obtidos no estudo piloto (NOTA, 2012), a escala ficou reduzida apenas a 13 itens, ordenados segundo uma escala de Likert com cinco opções de resposta, de **discordo totalmente** (1) a **concordo totalmente** (5), para os quais se obteve um Alfa de Cronbach igual a .861, o que pode ser interpretado como sendo bom segundo atestam Pestana e Gageiro (2005) e Maroco (2007), demonstrando efectivamente que todos os itens da escala medem com a mesma intensidade a variável atitudinal. Recorreu-se à Análise Fatorial de Componentes Principais (AFCP) com rotação Varimax, tendo como critérios de retenção dos fatores o *eigenvalue* superior a 1, com o intuito de analisar a validade do construto. Assim, a solução da matriz rotacionada revelou dois fatores com *eigenvalues* superiores a 1.00, os quais explicam 46.6% da variabilidade total dos dados. O primeiro fator envolvia, com exceção de um item, afirmações negativas

sobre homossexuais femininas (lésbicas) e o segundo fator envolvia, com exceção de um item, afirmações negativas sobre homens gay. O primeiro fator, composto de 7 itens, foi nomeado, tal como o autor da escala propôs “atitude em relação às lésbicas” (ATL) e o segundo “atitudes em relação aos gay” (ATG). Neste sentido, o factor 1 mostrou *eigenvalue* 5.174 explicando 36.958% da variância total, enquanto o factor 2 explica apenas 9.056%.

Na escala final deste estudo, todos os itens de avaliação da homonegatividade estão elaborados na mesma direção negativa. Assim, os itens que ficaram nas subescalas não necessitam ser invertidos, sendo o máximo de homonegatividade na primeira escala de 35 pontos e na segunda de 30 pontos, isto é, elevados *scores* traduzem igualmente elevada homonegatividade.

Tendo em atenção que o número de itens por escala é diferente, optou-se por calcular o valor médio obtido por cada estudante em cada uma das subescalas, para que os resultados pudessem ser comparados. Assim, depois de se obter o valor total da subescala, esse valor foi dividido pelo número de itens da subescala, indicando, em ambas as escalas, o valor 1, o mínimo de homonegatividade e o valor 5, o máximo de homonegatividade.

Para aprofundar a análise dos resultados, foram criadas categorias com os valores finais obtidos pelos inquiridos. Essas categorias foram criadas recorrendo-se ao ponto de corte + 1 desvio-padrão, tal como sugerido por Pallant (2004) e Tabachnick e Fidell (2007). Assim, na subescala de homonegatividade face às lésbicas ($M=2.8$, $DP=.826$), as atitudes com valores <1.97 , foram consideradas levemente negativas; entre $1.97 - 3.62$, moderadamente negativas e >3.62 , extremamente negativas. De igual modo, na subescala de homonegatividade face aos gays ($M=2.8$, $DP=.854$), as atitudes com valores <1.95 , foram consideradas levemente negativas; entre $1.95 - 3.65$, moderadamente negativas e >3.65 , extremamente negativas.

Apresentação dos resultados

Uma análise por item na subescala de homonegatividade (ATLG) mostrou que mais de 40% dos inquiridos “discordou totalmente” ou “discordou” que não podem existir lésbicas na sociedade (52.8%), que por serem lésbicas pecam (43.3%), são

doentes mentais (63.8%) ou têm uma forma inferior e desprezível da sexualidade (41.7%). Da mesma maneira, mais de 50% “discordou totalmente” ou “discordou” que os homossexuais masculinos são nojentos (51.2%) ou que não devem ser autorizados a ensinar nas nossas escolas por serem um mau exemplo para os alunos (58.2%) (Tabela 1).

Tabela 1- Frequência e percentagem por item na escala de atitudes em relação às lésbicas e homens gay

Item	Discordo totalmente		Discordo		Não concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
<i>Escala de Atitudes em relação às lésbicas (ATL)</i>										
As lésbicas simplesmente não podem existir na nossa sociedade.	19	15	48	37.8	32	25.2	21	16.5	7	5.5
A homossexualidade feminina é prejudicial para a sociedade, pois quebra as divisões naturais entre os sexos.	16	12.6	28	22.0	41	32.3	31	24.4	11	8.7
A homossexualidade feminina é um pecado.	27	21.3	28	22.0	39	30.7	23	18.1	10	7.9
O crescente número de lésbicas indica um declínio na moral da sociedade moçambicana.	17	13.4	22	17.3	32	25.2	36	28.3	20	15.7
A homossexualidade feminina é uma ameaça para muitas de nossas instituições sociais básicas, como por exemplo a família.	27	21.3	20	15.7	18	14.2	45	35.4	17	13.4
A Homossexualidade feminina é uma forma inferior e desprezível da sexualidade.	24	18.9	29	22.8	26	20.5	31	24.4	17	13.4
As Lésbicas são umas doentes mentais.	41	32.3	40	31.5	29	22.8	11	8.7	6	4.7
<i>Escala de Atitudes em relação aos homossexuais (ATG)</i>										
Eu acho que os homossexuais masculinos são nojentos.	33	26.0	32	25.2	41	32.3	13	10.2	8	6.3
Homossexuais masculinos não devem ser autorizados a ensinar em nossas a escolas por serem um mau exemplo para os alunos.	36	28.3	38	29.9	25	19.7	16	12.6	12	9.4
A homossexualidade masculina é uma perversão.	22	17.3	25	19.7	57	44.9	17	13.4	6	4.7
Se um homem tem sentimentos homossexuais, ele deve fazer de tudo para poder superá-los.	16	12.6	19	15.0	35	27.6	38	29.9	19	15.0
Sexo entre dois homens é simplesmente errado.	19	15.0	26	20.5	41	32.3	30	23.6	11	8.7
A ideia de casamento entre homossexuais do sexo masculino parece-me ridícula.	19	15.0	26	20.5	27	21.3	32	25.2	23	18.1

Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, mais de 40% dos inquiridos “concordou” ou “concordou totalmente” que o crescente número de lésbicas indica um declínio na moral da sociedade moçambicana (44.0%), é uma ameaça para muitas instituições sociais

básicas, como por exemplo a família (48.8%), que o casamento entre homossexuais de sexo masculino lhe parece ridículo (43.3%) e que um homem que se sente homossexual deve fazer tudo para superar esses sentimentos (44.9%).

Alguns itens tiveram as respostas distribuídas bastante uniformemente abaixo ou acima da opção “não concordo nem discordo”, tal como se verifica nas afirmações: “a homossexualidade feminina é prejudicial para a sociedade, pois quebra as divisões naturais entre os sexos” e “sexo entre dois homens é simplesmente errado”. A única afirmação que cerca de metade dos inquiridos afirmaram “não concordar nem discordar” foi “a homossexualidade masculina é uma perversão”.

A média do valor obtido na escala de homonegatividade face às lésbicas (ATL) foi de 2.8, DP= .826 (amplitude de 1 a 4.75) e na escala face aos homens gay (ATG) foi também de 2.8, DP=.854, indicando que a homonegatividade dos inquiridos como grupo era moderadamente negativa nas duas subescalas (Tabela 2).

Tabela 2- Médias e desvio-padrão da homonegatividade nas subescalas para mulheres lésbicas e homens Gay

Subescalas	Média	DP
ATL	2.8	.826
ATG	2.8	.854

Fonte: Elaboração própria.

A análise da frequência dos valores médios obtidos nas duas subescalas mostrou que a maior parte dos inquiridos tem atitudes moderadamente negativas face às lésbicas (67.7%) e homossexuais masculinos (66.9%) (Tabela 3).

Tabela 3 - Frequência e percentagem das médias dos níveis de homonegatividade nas subescalas para mulheres lésbicas e homens Gay

Subescalas	f	%
<i>ATL</i>		
Atitudes levemente negativas	18	14.2
Atitudes moderadamente negativas	86	67.7
Atitudes extremamente negativas	23	18.1
<i>ATG</i>		
Atitudes levemente negativas	20	15.7
Atitudes moderadamente negativas	85	66.9
Atitudes extremamente negativas	22	17.3

Nota: ATL: Atitudes levemente negativas < 1.97; moderadamente negativas 1.97 – 3.62; extremamente negativas > 3.62; ATG: Atitudes levemente negativas < 1.95; moderadamente negativas 1.95 – 3.65; extremamente negativas > 3.65

Fonte: Elaboração própria.

Correlação entre a subescala de atitudes em relação a lésbicas e homens gay

A correlação entre a subescala de atitudes em relação a lésbicas (ATL) e homens gay (ATG), foi calculada usando o coeficiente de correlação de Pearson. Os resultados mostraram uma correlação estatisticamente significativa e fortemente positiva entre as duas subescalas ($r=0.656$, $p < 0.001$).

Análises inferenciais em função das variáveis sócio-demográficas

Ano de Frequência na Licenciatura em Ensino de Biologia na Universidade Pedagógica de Maputo. De acordo com os dados da tabela 4, o ano de escolaridade que os alunos frequentam na universidade não condiciona a sua homonegatividade.

Tabela 4 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função do ano frequentado pelo estudante

Ano de escolaridade que frequenta	ATL	ATG
	Média+ DP	Média+ DP
1º ano (n=37)	2.8+ .820	2.9+ .856
2º ano (n=37)	2.7+ .676	2.8+ .829
3º ano (n=30)	2.8+ .957	2.8+ .784
4º ano (n=23)	2.8+ .909	2.8+ 1.01
Amostra total (N=127)	2.8+ .826	2.8+ .854

Fonte: Elaboração própria.

A significância da diferença entre as médias de homonegatividade avaliada pela ANOVA, mostra que as médias de homonegatividade entre grupos não diferem estatisticamente nem para as lésbicas ($F(3,123) = .250$; $p=.861$) nem para os gays ($F(3,123) = .165$; $p=.920$).

Experiência docente. Na tabela 5 e 6 estão apresentados dados relativos à homonegatividade face às lésbicas e gays em função da experiência docente (se já leciona e os anos de experiência). Observou-se que o facto de lecionarem ($M=3.0$; $DP=.738$) ou não lecionarem ($M=2.8$; $DP=.854$) condicionou a sua homonegatividade face às lésbicas: $t(125) = -2.146$, $p = .034$. O mesmo se observou face aos gays: $t(125) = -2.196$, $p = .030$.

Tabela 5 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade face às lésbicas e gays em função da experiência docente

Lecciona	ATL		ATG	
	Média	DP	Média	DP
Não (n=81)	2.8	.854	2.7	.843
Sim (n=46)	3.0	.738	3.0	.839

Fonte: Elaboração própria.

A análise inferencial da experiência letiva através da ANOVA relativamente à homonegatividade face às lésbicas e gays, mostrou a inexistência de diferenças estatisticamente significativas face às lésbicas e face aos gays: $F_{ATL}(2, 47) = 1.890$, $p = .162$; $F_{ATG}(2, 47) = 1.711$, $p = .192$ (Tabela 6).

Tabela 6 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função do número de anos de experiência docente

Há quanto tempo lecciona	Média	DP	Média	DP
< 1 ano (n=10)	2.6	1.024	2.5	.877
1-11 anos (n=16)	2.9	.812	2.9	1.00
> 11anos (n=24)	3.2	.668	3.2	.835

Fonte: Elaboração própria.

Género. Desagregando esse dado em função do género, nota-se que os estudantes do sexo masculino apresentaram tendencialmente maiores médias de homonegatividade ($M_{ATL} = 2.9$, $DP = .908$; $M_{ATG} = 2.9$, $DP = .922$) que as do sexo feminino ($M_{ATL} = 2.7$, $DP = .735$; $M_{ATG} = 2.7$, $DP = .789$), embora essas diferenças não sejam estatisticamente significativas ($t_{ATL}(125) = .960$, $p = .339$; $t_{ATG}(125) = 1.335$, $p = .184$) (Tabela 7).

Tabela 7 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função do género

Género	ATL		ATG	
	Média	DP	Média	DP
Homem	2.9	.908	2.9	.922
Mulher	2.7	.753	2.7	.789

Nota: Escala de 5 pontos de 1= discordo totalmente a 5= concordo totalmente

Fonte: Elaboração própria.

Idade. Quer a média geral de homonegatividade face às lésbicas quer face aos gays apresentaram diferenças estatisticamente significativas nas mulheres e homens

inquiridos: respectivamente $F(4, 122) = 3.858, p = .005$ e $F(4, 122) = 3.991, p = .004$ (Tabela 8).

Tabela 8 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função da idade

Idade (anos)	ATL		ATG	
	Média+ DP	post-hoc	Média+ DP	post-hoc
(1) Até aos 18 (n=5)	1.9+.520	1 < 4*	1.8+.320	1 < 4*
(2) 18-24 (n=58)	2.7+.873	1 < 5*	2.7+.803	1 < 5*
(3) 25-31 (n=28)	2.6+.756		2.7+.990	
(4) 32-38 (n=20)	3.1+.721		3.1+.679	
(5) Acima de 39 (n=16)	3.2+.655		3.2+.766	

Nota: Escala de 5 pontos de 1= discordo totalmente a 5= concordo totalmente; * $p < .05$

Fonte: Elaboração própria.

Os testes *post-hoc* (teste de Tukey) indicam que os estudantes com menos de 18 anos são menos homonegativos face às lésbicas e face aos gays do que os estudantes que têm acima de 32 anos.

Locais onde passaram a maior parte da sua juventude e onde vivem. Os inquiridos também não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nas suas atitudes negativas face às lésbicas em função do local onde passaram a maior parte da sua juventude ($M_{\text{zona rural}} = 2.7, DP = .954; M_{\text{zona urbana}} = 2.8, DP = .778; M_{\text{zona suburbana}} = 2.9, DP = .887$): $F(2, 124) = .598, p = .551$, ou em função da zona onde se localiza a sua residência atual ($M_{\text{zona rural}} = 2.8, DP = .941; M_{\text{zona urbana}} = 2.8, DP = .772; M_{\text{zona suburbana}} = 2.7, DP = .927$): $F(2, 124) = .215, p = .807$).

Verificou-se, de igual modo, que o local onde passaram a maior parte da sua juventude ($M_{\text{zona rural}} = 2.6, DP = .818; M_{\text{zona urbana}} = 2.8, DP = .826; M_{\text{zona suburbana}} = 2.9, DP = .943$): $F(2, 124) = .839, p = .434$, ou a zona onde se localiza a sua residência actual ($M_{\text{zona rural}} = 2.6, DP = .598; M_{\text{zona urbana}} = 2.9, DP = .781; M_{\text{zona suburbana}} = 2.7, DP = 1.02$): $F(2, 124) = .507, p = .604$) também não têm uma influência estatisticamente significativa nas atitudes negativas que apresentaram face aos gays.

Lugar onde vivem como estudantes universitários. Os estudantes que residiam em lares ou residências universitárias apresentaram uma média de homonegatividade face às lésbicas mais elevada ($M = 2.9, DP = .882$) do que aqueles que não residiam nos lares universitários ($M = 2.8, DP = .812$). De igual modo, os estudantes que residiam em lares ou residências universitárias apresentaram uma média de homonegatividade face aos gays mais elevada ($M = 3.0, DP = .756$) do que aqueles que não residiam nos lares universitários ($M = 2.8, DP = .869$). Para verificar a

significância das diferenças observadas entre os dois grupos, procedeu-se ao teste “*t-student*” o qual revelou que a diferença observada não é estatisticamente significativa: $t_{ATL} (125) = 1.122, p = .264$; $t_{ATG} (125) = 1.423, p = .157$.

Estado Civil. Considerando a escala de homonegatividade face às lésbicas, tendo-a como variável dependente e o estado civil variável independente, observou-se que os casados/ união de facto apresentavam médias mais elevadas ($M = 3.0, DP = .870$) do que os solteiros ($M = 2.7, DP = .789$), mostrando uma diferença estatisticamente significativa para essas médias: $t(122) = -2.329, p = .022$ (Tabela 9).

Tabela 9 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função do estado civil

Estado civil	ATL	ATG
	Média+ DP	Média+ DP
Solteiros (n=88)	2.7+ .789	2.7+ .856
Casados/união de facto (n=36)	3.0+ .870	2.9+ .870

Nota: Escala de 5 pontos de 1= discordo totalmente a 5= concordo totalmente

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, o estado civil dos estudantes inquiridos não influenciou a sua homonegatividade face aos gay: $t(122) = -1.150, p = .253$.

Religião. Analisando as distribuições das médias de homonegatividade na amostra em função do grupo religioso, os resultados da tabela 10 mostram que os muçulmanos apresentaram uma homonegatividade mais alta, que por sinal é a mais elevada do grupo ($M_{ATL} = 3.0, DP = 1.02$; $M_{ATG} = 3.1, DP = .979$), seguida dos evangélicos/protestantes ($M_{ATL} = 2.8, DP = .822$; $M_{ATG} = 2.9, DP = .885$) e católicos ($M_{ATL} = 2.8, DP = .821$; $M_{ATG} = 2.7, DP = .841$).

Tabela 10 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função da religião

Religião	ATL	ATG
	Média+ DP	Média+ DP
Católica (n=68)	2.8+ .821	2.7+ .841
Evangélica ou protestante (n=36)	2.8+ .822	2.9+ .885
Muçulmana (n=7)	3.0+ 1.02	3.1+ .979
Total (n=120)	2.8+ .831	2.8+ .865

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da ANOVA revelaram que as diferenças nas médias de homonegatividade entre os grupos não são estatisticamente significativas apesar de os

muçulmanos apresentarem um nível de homonegatividade superior: $F_{ATL}(2,117) = .230$, $p = .795$; $F_{ATG}(2,117) = 1.032$, $p = .360$.

Grau de religiosidade. Observou-se que o grau de religiosidade não influenciou a homonegatividade face às lésbicas [$F(4, 122) = 1.271$, $p = .285$], mas influenciou a homonegatividade face aos gays [$F(4, 122) = 2.576$, $p = .041$]. Observou-se na análise *post-hoc* (teste de Tukey) diferenças individuais entre cada um dos grupos (Tabela 11).

Tabela 11 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função do grau de religiosidade

Grau de Religiosidade	ATL		ATG
	Média+ DP	Média+ DP	<i>post-hoc</i>
(1) Não religioso (n=5)	2.6±.788	2.0±.545	1 >5*
(2) Pouco religioso (n=25)	2.5±.935	2.6±.925	
(3) Religioso (n=53)	2.9±.788	2.8±.850	
(4) Moderadamente religioso (n=32)	2.8±.780	2.9±.729	
(5) Muito religioso (n=12)	3.1±.844	3.3±.899	

Nota: $p < .05$

Fonte: Elaboração própria.

Conhecer homossexuais. Observou-se que o facto de conhecerem ($M=2.7$, $DP=.869$) ou não ($M=3.0$; $DP=.707$) alguém homossexual condicionou de uma forma estatisticamente significativa a sua homonegatividade face às lésbicas: $t(125) = -2.468$, $p = .015$ (Tabela 12).

Tabela 12 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função do seu conhecimento de homossexuais

Conhece homossexuais	ATL	ATG
	Média+ DP	Média+ DP
Sim (n=77)	2.7±.869	2.7±.877
Não (n=50)	3.0±.707	2.9±.809

Fonte: Elaboração própria.

Na escala de homonegatividade face aos gays não se verificaram diferenças estatisticamente significativas pelo facto de conhecerem ($M=2.7$, $DP=.877$) ou não homossexuais ($M=2.9$, $DP=.809$): $t(125) = -1.345$, $p = .181$.

Ter amigos ou familiares homossexuais. O contato com homossexuais foi avaliado em termos do estudante possuir ou não amigos/familiares com orientação homossexual. A tabela 13 mostra que a maioria dos participantes (51.2%) não tinha amigos nem familiares homossexuais e apresentava maiores médias de

homonegatividade ($M_{ATL}=2.9$, $DP=.796$; $M_{ATG}=2.8$, $DP=.854$). Os inquiridos que tinham contato com homossexuais (18.9%), possuíam médias mais baixas de homonegatividade ($M_{ATL}=2.6$, $DP=.837$; $M_{ATG}=2.7$, $DP=.880$).

Tabela 13 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função do contato com homossexuais

Tem amigos ou familiares homossexuais	ATL	ATG
	Média+ DP	Média+ DP
Sim (n=24)	2.6±.837	2.7±.880
Não (n=65)	2.9±.796	2.8±.854
Não sei (n=38)	2.8±.866	2.8±.857

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da ANOVA mostraram que as diferenças observadas não são estatisticamente significativas ($F_{ATL}(2,124)= 1.121$, $p=.329$; $F_{ATG}(2,124)= .127$, $p=.881$).

Ter Aprendido Conteúdos de Sexualidade ou Homossexualidade. Não se observaram diferenças estatisticamente significativas na homonegatividade face às lésbicas ou face aos gays entre os inquiridos que ao longo do seu curso tiveram oportunidade de aprender algo sobre sexualidade nas aulas ($M_{ATL}=2.9$, $DP=.746$; $M_{ATG}=2.9$, $DP=.806$), não tiveram essa oportunidade ($M_{ATL}=2.7$, $DP=.994$; $M_{ATG}=2.8$, $DP=.914$) ou não se recordavam se tinham aprendido ($M_{ATL}=2.4$, $DP=.773$; $M_{ATG}=2.6$, $DP=1.00$): $F_{ATL}(2, 124)= 2.588$, $p=.079$; $F_{ATG}(2, 124)= .688$, $p=.505$ (Tabela 14).

Tabela 14 - Médias e desvio-padrão da homonegatividade em função da aprendizagem no Curso de conteúdos de sexualidade ou homossexualidade

Tipo de Aprendizagem	Conteúdos no Curso			
	Sexualidade		Homossexualidade	
	ATL	ATG	ATL	ATG
	Média+ DP	Média+ DP	Média+ DP	Média+ DP
Aprenderam algo (n=82)	2.9±.746	2.9±.806	2.9±.674	2.9±.760
Não aprenderam (n=31)	2.7±.994	2.8±.914	2.8±.920	2.8±.880
Não se recordam se aprenderam (n=14)	2.4±.773	2.6±1.00	2.5±.836	2.6±1.019

Fonte: Elaboração própria.

Também não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nessa homonegatividade entre os estudantes que aprenderam durante o curso algo sobre homossexualidade ($M_{ATL}=2.9$, $DP=.674$; $M_{ATG}=2.9$, $DP=.760$), não aprenderam ($M_{ATL}=2.8$, $DP=.920$; $M_{ATG}=2.8$, $DP=.880$), ou não se recordavam ($M_{ATL}=2.5$,

DP=.836; $M_{ATG}=2.6$, DP=1.019): $F_{ATL}(2, 124)= 1.46$, $p= .236$; $F_{ATG}(2, 124)= .894$, $p= .412$.

Discussão dos resultados e conclusões

Nas atitudes expressas pelos participantes em relação aos homossexuais, as médias obtidas nas subescalas de atitudes face às lésbicas (ATL) e face aos gays (ATG) ($M=2.8$), mostram consistentemente que os participantes revelam atitudes moderadamente negativas tanto para homens gay, quanto para as lésbicas, segundo a tipologia classificativa de Alderson et al. (2009). Esse dado é consistente com outros estudos (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002; ARNDT; BRUIN, 2006; MORGAN, 2003; ALDERSON et al., 2009), os quais mostram que as atitudes de estudantes universitários em relação aos homossexuais continuam sendo negativas. Em parte, isso pode dever-se ao facto de cerca de metade (44.0%) dos participantes considerarem que o crescente aumento do número de lésbicas e gays indicia um declínio na moral da sociedade moçambicana e /ou que a própria homossexualidade constitui uma ameaça para muitas instituições sociais básicas, como por exemplo, a família.

Se é verdade que o nosso trabalho de campo decorreu apenas com estudantes de Biologia na universidade Pedagógica, a nossa pesquisa parece confirmar a ideia de que a homossexualidade representa, para muitos moçambicanos, um verdadeiro atentado às normas sociais e morais sobre a conduta sexual, tal como encontrou a pesquisa desenvolvida pelo *The Pew Forum on Religion & Public Life* (2010). Esta atitude pode ser explicada pelo facto da homossexualidade ser considerada uma prática sexual desviante no tocante aos papéis sexuais e de género, por isso, a homossexualidade subverteria, por assim dizer, toda a lógica sobre a qual assenta a estrutura da sociedade moçambicana e se tece a complexa teia de relações de género, ou seja, daquilo que a própria sociedade cobra e/ou espera do sexo de cada sujeito. Portanto, a base que rege tais atitudes está eminentemente associada às representações sociais que os sujeitos têm da homossexualidade. Aliás, numa sociedade como a nossa em que o casamento (heterossexual), a geração de filhos e a família são aspetos tradicional e fortemente exaltados, a homossexualidade não deixaria de ser vista como eminentemente atentatória e subversiva a esse normativo social e quiçá cultural, uma

prática não bem-vinda, que a todo o custo tem de ser expurgada para evitar a sua disseminação no seio das famílias moçambicanas.

Outra questão que corrobora a hipótese mencionada anteriormente é o facto de que quase metade dos inquiridos (48.2%) discordou ou discordou totalmente com os itens que descrevem atitudes negativas a respeito dos homossexuais, considerou a homossexualidade e o aumento dos homossexuais no país um mal social, um declínio na moral da sociedade moçambicana, uma ameaça à estrutura familiar e algo ridículo.

Os resultados obtidos nesta pesquisa mostraram ser, em primeira análise, aparentemente positivos quanto ao respeito pelas novas identidades sexuais e de género, dado que a maioria das pessoas pesquisadas apresentou respostas, na escala de atitudes, tipicamente consideradas como “politicamente corretas”, isto é, observa-se uma homonegatividade expressa na sua forma subtil, ou uma tentativa de mascará-la. A exemplo de ilustração, apresentamos alguns dos seguintes resultados: 63% dos/as discentes afirmaram que não concordam que as lésbicas sejam uma doentes mentais; aproximadamente 53% “discordou totalmente” ou “discordou” com a ideia de que as lésbicas não podem existir na sociedade e cerca de 58.2% dos estudantes discordou com a ideia de que os homossexuais masculinos não devem ser autorizados a ensinar nas nossas escolas por serem um mau exemplo para os alunos. No entanto, e apesar disso, os participantes concordam que o crescente número de lésbicas e gays no país indicia um declínio na moral da sociedade moçambicana, ou que a homossexualidade é uma ameaça para muitas instituições sociais básicas, como por exemplo a família (48.8%). Também é crítico observar que aproximadamente 45% dos participantes concordou que um homem que sente desejos, ou impulsos tendencialmente homossexuais deve fazer tudo para superar ou reprimir tais sentimentos. Portanto, os nossos resultados são consistentes com os obtidos por Dinis e Cavalcanti (2008), os quais encontraram atitudes, igualmente, consideradas “politicamente corretas” em um grupo de estudantes universitários de um curso de Pedagogia.

Estamos cientes que algumas determinantes sociais e culturais como a religião e a religiosidade concorram para explicar as atitudes negativas dos estudantes participantes deste estudo. Aliás, analisando-se o efeito das variáveis sociodemográficas sobre a homonegatividade, observou-se que esta foi influenciada pela experiência docente (aqueles que já lecionavam eram mais homonegativos que os que não tinham qualquer experiência docente), idade, estado civil, religiosidade e conhecimento de pessoas homossexuais o que corrobora alguns resultados obtidos por

outros autores (MORGAN, 2003; ALDERSON et al., 2009; WINTER, 2011), uma vez que foram encontradas diferenças de homonegatividade estatisticamente significativas. No entanto, as análises revelaram que o género, o local de residência, o contato com homossexuais e a aprendizagem de conteúdos da homossexualidade no curso não foram fatores preditores das atitudes dos participantes em relação aos homossexuais, dado que não foram encontradas diferenças estatísticas significativas na homonegatividade em função de tais variáveis.

Por exemplo, em relação à experiência docente observou-se que os estudantes experientes, isto é, que já vinham exercendo a atividade docente há mais tempo eram mais homonegativos que aqueles sem qualquer experiência docente. Em parte, isso pode dever-se ao efeito moralizador do meio social (escola) a que estão sujeitos enquanto professores. É que os professores são, virtualmente, tidos pela sociedade como modelos e referência para os seus alunos (MINED, 2003) e guardiões da moralidade, portanto, agentes ativos no processo de socialização secundária dos jovens e adolescentes nas escolas, daí que não é de se estranhar que os estudantes-professores tenham uma atitude negativa em relação à homossexualidade. Nesse contexto, Osório e Silva (2008) lembram que a escola por meio dos professores, regulamentos normativos, etc., atua como um lugar onde se reproduz e se legitima a ordem social (e sexual). Através da ação docente, a escola age como um espaço de “estruturação” das condutas dos atores sociais (OSÓRIO; SILVA, 2008, p.171) que nela e por ela transitam “[...] em torno de valores referenciados a campos mais vastos da realidade social, desencadeando para tal todo um sistema repressivo sobre as/os alunas/os, cuja tónica é o controlo sobre o comportamento.” (OSÓRIO; SILVA, 2008, p.180). Por esses motivos, parece-nos quase ilógico que num cenário desses os professores mais experientes fossem favoráveis à homossexualidade e/ou aos homossexuais no espaço escolar.

Semelhantemente, os resultados mostraram um efeito considerável da idade dos estudantes sobre suas atitudes em relação aos homossexuais. Neste sentido, os estudantes mais adultos (acima dos 31 anos) revelaram-se mais homonegativos que os jovens (com idade até 18 anos), o que confirma a hipótese de que a idade tem influencia nos níveis de homonegatividade expressos pelos sujeitos. Tal situação pode dever-se ao facto de grande parte desses estudantes adultos já serem casados e, por via disso, habitarem num meio social com fortes crenças tradicionais sobre os papéis de género.

Porém, apesar de vários estudos encontrarem efeitos significativos da idade sobre os níveis de homonegatividade, os resultados têm sido, até agora, inconsistentes ou pelo menos contraditórios. Os nossos resultados são contrários aos de outros estudos (JOHNSON; BREMS; ALFORD-KEATING, 1997; NICHOLS, 1998) que têm mostrado que os jovens-adultos são mais homofóbicos que os adultos. Winter (2011), encontrou resultados que apontam noutra direção, isto é, que os estudantes mais jovens e menos experientes tinham visões semelhantes aos inquiridos mais velhos e experientes na docência. Por exemplo, no estudo de Nichols (1998), encontrou-se que os estudantes mais adultos (25-59 anos) apresentavam médias de homonegatividade inferiores aos jovens (18-25 anos), isto é, os mais adultos eram menos homonegativos, enquanto Winter (2011) não encontrou quaisquer diferenças na homonegatividade em função da idade que permitisse suportar a tese de que os estudantes mais velhos e experientes fossem mais homonegativos que os jovens.

Tal inconsistência com os resultados de Johnson, Brems e Alford-Keating (1997) e Nichols (1998), pode ser explicada pela diferença dos contextos sociais e culturais em que se desenvolveram os estudos (os dois primeiros nos EUA, onde a homossexualidade já está legalizada há anos, e o nosso na África em que ela é criminalizada e censurada em muitos países). Na África, em geral, e Moçambique, em particular, as pessoas mais adultas são as responsáveis por transmitir valores, tradições, hábitos e práticas culturais, modelos de comportamentos social e culturalmente aceites, funcionando assim como uma espécie de “pequenos deuses”. Eles são a fonte do saber e inspiração para as novas gerações. Isso é bem notório, por exemplo, nos ritos de iniciação masculina ou quando a menina tem a primeira menstruação, ou quando se devem tomar decisões importantes na comunidade. Além disso, a homossexualidade é algo muitas vezes interpretado como evento estranho aos hábitos e práticas culturais dos africanos (JUNOD, 1996; ROSCOE; MURRAY, 2002 apud SILVA et al., 2010) que, aparentemente, subvertem os bons costumes (MUIAMBO apud ARTHUR, 2004) e papéis tradicionais de género. Os “guardiões dos bons costumes”, as pessoas mais adultas não deixariam de ser as mais homofóbicas por conta da defesa desse seu acervo de valores e “bons costumes” tradicionais de conjugalidade e papéis de género como, aliás, coloca Muiambo (apud ARTHUR, 2004).

De igual modo, o nosso estudo mostrou que não apenas a idade, mas também o estado civil têm efeitos significativos sobre as atitudes dos estudantes em relação aos

homossexuais. Assim, estudantes casados eram mais homonegativos que os solteiros. No entanto, no nosso estudo as diferenças observadas só foram estatisticamente significativas para a subescala de atitudes em relação às lésbicas, apesar das médias gerais de homonegatividade para gays e lésbicas terem sido iguais. Isso sugere alguma tendência da maior parte (67.7%) dos participantes casados, independentemente do género, olharem de forma mais negativa para as lésbicas, o que não deixa de ser um dado novo e interessante na medida em que, de modo geral, outros estudos apontam que as atitudes globais em relação aos homossexuais tendem a ser mais negativas para com os gays que, propriamente, para com as lésbicas.

Esta hipótese é sustentada pelas visões tradicionais dos papéis sexuais e de género que são adquiridas e reafirmadas nas vésperas do casamento; aliás, o facto de 48.8% dos participantes considerarem a homossexualidade feminina como uma potencial ameaça às instituições sociais, a exemplo da família, corrobora o que se acabou de dizer. Pois, como afirmam Dinis e Cavalcanti (2008, p.106) parece haver, da parte dos sujeitos pesquisados, “[...] uma resistência à formação de novos modelos familiares.” e de conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo, o que não deixa de refletir uma visão tradicional dos papéis sexuais e de género. Neste ponto, seria útil, por exemplo, perceber o que pensam os participantes a respeito da possibilidade de adoção de crianças por casais homossexuais no nosso país.

As visões sobre os papéis sexuais e de género dentro da relação entre homem e mulher apontam que a esta última cabe funcionar como uma espécie de receptáculo do prazer masculino, em cujo ventre se coze a semente e parte da futura sociedade (LOFORTE, 2003) cabendo, por conseguinte, a ela a responsabilidade de assegurar a estabilidade conjugal (MATSINHE et al., 2010). Por esses e outros motivos, é que as mulheres têm, por parte da sociedade, uma maior vigilância e controlo da sua sexualidade.

Por outro lado, o nosso estudo analisou os efeitos da religiosidade, tendo encontrado que as pessoas mais religiosas expressavam maiores níveis de homonegatividade nas subescalas relativas aos gay ($M=3.3$, $DP= \pm .899$) e lésbicas ($M=3.1$, $DP= \pm .844$), o que permitiu também comprovar a hipótese segundo a qual as pessoas com fortes crenças religiosas tendem a expressar elevados níveis de homonegatividade conforme sugerido, por exemplo, por Herek (1998), Arndt e Bruin (2006), Besen e Zicklin (2007) e Winter (2011), o que é demonstrado pela correlação

positiva e estatisticamente significativa, apesar de baixa, entre o nível de religiosidade e a homonegatividade ($r=.239$, $p\leq .05$).

A formação de atitudes homofóbicas e estereótipos acerca de grupos sociais específicos, segundo colocam Arndt e Bruin (2006), podem resultar de valores sociais e factores religiosos. Estudos prévios (HEREK, 1998; GREENE; CROOM, 2000; BESEN; ZICKLIN, 2007), têm demonstrado que indivíduos com fortes crenças religiosas são mais homofóbicos, por via disso, a homossexualidade é vista como algo indesejável, imoral e pecaminoso, da qual todo o temente a Deus que se preze deve-se afastar. Waldo (1998 apud ARNDT; BRUIN, 2006) encontrou que estudantes heterossexuais e com fortes convicções religiosas demonstravam opiniões mais desfavoráveis em relação a homens gay e mulheres lésbicas, aliás, os nossos resultados permitem chegar a uma conclusão semelhante.

Dos estudos analisados (ARNDT; BRUIN, 2006; WINTER, 2011; PEREIRA et al., 2011), parece consensual que para as pessoas religiosas, sejam elas muçulmanas, católicas ou evangélicas, a homossexualidade é uma profunda violação às leis Divinas sobre os papéis de género no contexto da conjugalidade e das relações sexuais lícitas. De acordo com o relatório de pesquisa publicado pelo *The Pew Fórum on Religion & Public Life* (2010), a homossexualidade em Moçambique é algo fortemente repudiado no seio dos diferentes grupos religiosos, além disso, a pesquisa mostra que para 79% dos muçulmanos e 80% dos cristãos moçambicanos a homossexualidade é um comportamento moralmente errado, visto que desrespeita as leis Divinas sobre as relações sexuais. Para os Cristãos, a Bíblia Sagrada deixa explícito que os sodomitas (homossexuais) e os efeminados não herdarão o reino de Deus, isto é, serão eternamente condenados no fogo eterno junto com Satanás e seus anjos (BÍBLIA SAGRADA, 2007). Como se pode constatar, a condenação dos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo é evidente e inequívoca nas passagens Bíblicas, principalmente as descritas nas Leis Mosaicas (NATIVIDADE, 2006).

Ao analisar os argumentos religiosos contrários à homossexualidade, Pereira (2004) e Natividade (2006) afirmam que ela é condenada por Deus desde o início, uma vez que o padrão de Deus determinado para os homens é a relação sexual dentro do compromisso do casamento realizado entre um homem e uma mulher. Portanto, a essência da homonegatividade entre os religiosos orienta-se com base num código normativo específico: a Palavra de Deus, seja ela a Bíblia Sagrada ou o Alcorão. De facto, a Bíblia é o conjunto de livros básicos que orienta os estudos teológicos e

condena claramente os homossexuais. Portanto, não é de se admirar que os participantes assumidamente religiosos vejam a homossexualidade como uma desobediência às leis Divinas atribuindo, inclusive, as suas causas a maus espíritos ou aos demónios.

Segundo Spencer (1999 apud PEREIRA, 2004, p.82),

[...] homossexualidade e heresia tornaram-se entrelaçadas muito cedo, de modo que a Igreja via os heréticos não apenas como blasfemadores, mas também como seres demoníacos em sua corrupção sexual, pecando da maneira mais flagrante e profunda.

Isso parece explicar a perseguição que os sodomitas (homossexuais) sofreram durante a inquisição, muitos dos quais foram afogados em rios ou queimados vivos em fogueiras, num ato de purificar a terra desta corrupção sexual, concupiscência da carne obra do mal, fruto da inspiração satânica (MOTT, 2005). Enfim, por essas razões, a homossexualidade, as práticas homossexuais e os homossexuais foram condenados pelos religiosos.

ATTITUDES REGARDING HOMOSEXUALITY AMONG FUTURE TEACHERS OF BIOLOGY FOR SECONDARY SCHOOLS IN MOZAMBIQUE

ABSTRACT: *Hostility towards non-heterosexual people, commonly called sexual prejudice, homophobia or homo-negativity, is an evident phenomenon in various societies and cultures, whether Western or African, and in Mozambican schools is visible. The teaching profession is an occasion not only to reproduce the social and normative sexual standards but also to question, discuss and deconstruct all the "truths" finished and perhaps often uncritically received by students and the wider society. In this context, this paper aims to analyse what are the attitudes toward gay men and lesbians of students of the Bachelor's Degree in Biology Education in Mozambique. A sample (N=127) consisting of only by college students enrolled, from the first to last year in the Bachelor's Degree in Teaching of Biology in the Faculty of Natural Sciences and Mathematics of the Pedagogical University in Maputo was selected. An attitudinal scale for gay men and lesbians that included four factors (condemnation to homosexual behaviour, morality, contact with homosexuals and stereotypes) was used as data collection instrument. The results showed that students had moderately negative attitudes towards homosexuals, which were influenced by their teaching experience, age, marital status, religion and personal knowledge of gay people, while variables such as gender, area of residence and place, had no statistically significant effects on attitudes towards homosexuals. The results of this study show how urgent it is working on pre-service teacher training sexual diversity and, more specifically, the homo-negativity.*

KEYWORDS: *Homo-negativity. Homosexuals. Pre-service Biology teacher training.*

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, K. G. et.al. Alberta high school counsellors knowledge of homosexuality and their attitudes toward gay males. **Canadian journal of Education**, Alberta, v.32, n.1, p.87-117, 2009.
- ARNDT, M.; BRUIN, G. de. Attitudes toward Lesbians and Gay men relations with gender, race and religion among university students. **PINS**, [S.l.], v.33, p.16-30, 2006. Disponível em: <<http://www.pins.org.za/pins33/Arndt%20&%20de%20Bruin.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2011.
- ARTHUR, M. J. Homossexualismo e direitos humanos. **Outras Vozes**, Maputo, n.06, fev. 2004. Disponível em: <http://www.wlsa.org.mz/?__target__=Tex_HomosDireitos>. Acesso em: 08 abr. 2011.
- BESEN, Y.; ZICLIN, G. Young men, religion and attitudes towards homosexuality. **Journal of Men, Masculinities and Spirituality**, [S.l.], v.1, n.3, p.250-266, 2007.
- BIBLIA SAGRADA. **Bíblia devocional e de estudo**. Tradução de João Ferreira de Almeida, versão revista e corrigida com referencias. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2007.
- COELHO, C. C. F. Atitudes de guardas prisionais relativamente a contactos sexuais entre reclusos e à sua prevenção. 2008. 154f. Tese (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2008. Disponível em: <<http://repositorium.Sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8713/1/tese%20final.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.
- DINIS, N. F.; CAVALCANTI, R. F. Discursos sobre homossexualidade e género na formação em Pedagogia. **Pro-posições**, Campinas, v.19, n.2, p.99-109, maio/ago. 2010.
- ELLIS, S.; KITZINGER, C.; WILKINSON, S. Attitudes towards lesbians and gay men and support for lesbian and gay human rights among psychology students. **Journal of homosexuality**, Sheffield, v.44, n.1, p.121-138, 2003.
- FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Homossexualidade e preconceito: o que pensam os futuros gestores de pessoas**. Curitiba: Juruá, 2010.
- GATO, J. L. et al. Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, ago. 2010. p.23-26.
- GREENE, B.; CROOM, G. L. **Education, research, and practice in lesbian, gay, bisexual and transgendered psychology: a resource manual**. Sage: California, 2000.

(Psychological Perspective on Lesbian and Gay Issues; v.5).

GUILLEMIN, F. et al. Cross-cultural adaptation of healthrelated quality of life measures: literature review and proposed guidelines. **J Clio Epidemiol**, [S.l.], v.46, n.12, p.1417-1432, 1993.

HARDIN, K. **Auto-estima para homossexuais**: um guia para amor próprio. São Paulo: Edições GLS, 2000.

HEREK, G. M. Heterosexuals' attitudes toward lesbians and gay men: correlates and gender differences. **The Journal of Sex Research**, California, v.25, n.4, p.451-477, 1988.

HUDSON, W.W.; ROCKETS, W.A. A strategy for the measurements of homophobia. **Journal of Homosexuality**, New York, v.5, p.357-372, 1980.

JOHNSON, M. E.; BREMS, C.; ALFORD-KEATING, P. Personality correlates of homophobia. **Journal of Homosexuality**, New York, v.34, p.57-69, 1997.

JUNOD, H. A. Apêndice III: vícios contra a natureza nas casernas de Joanesburgo. In: _____. **Usos e costumes dos Bantu**. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1996. p.486.

JUNQUEIRA, R. D. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC, 2009. p.458. (Coleção Educação para Todos).

KOPPELMAN, K. L; GOODHART, R. L. (Org.). **Understanding human differences**: multicultural education for a diverse America. Pearson: New York, 2005.

LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.165-178, 2002.

LOFORTE, A. M. Práticas culturais em relação à sexualidade e representação sobre saúde e doenças. 2003. Comunicação preparada para o Workshop sobre os determinantes do HIV/SIDA, Moçambique, Centro de Estudos da População, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2003.

MAROCO, J. **Análise estatística com utilização do SPSS**. 3.ed.rev. e aum. Lisboa: Sílabo, 2007.

MARTIN, A. Some issues in the treatment of gay and lesbian patients. **Psychotherapy: Theory, Research and Practice**, [S.l.], v.19, p.341-348, 1982.

MATSINHE, C. et al. **Práticas culturais e comunitárias de promoção da saúde sexual e reprodutiva em Nampula, Sofala, Inhambane-Moçambique**. Maputo: UNESCO, 2010.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Cultura. **Estratégia de comunicação sobre o HIV/SIDA**. Maputo, 2003.

MORÁGUEZ, A. J. D. et al. Projeto escola sem homofobia: componente de pesquisa: estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras. **Reprolatina: Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva**, [S.l.], 10 ago. 2011. Disponível em: <http://www.reprolatina.org.br/site/html/atividades/downloads/escola_sem_homofobia/Relatorio_Tecnico_Final.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.

MORGAN, D. J. **Knowledge and attitudes of preservice teachers toward students who are gay, lesbian, bisexual or transgendered**. 2003. 95f. Thesis (Doctor in Philosophy- Special Education)-University of North Texas, Texas, 2003. Disponível em: <http://www.library.unt.edu/theses/open/20033/morgan_Daniel/dissertation.pdf>. acessado a 14.02.2011.>. Acesso em: 20 set. 2011.

MORRISON, M. A.; MORRISON, T. G. Development and validation of a scale measuring modern prejudice toward gay men and lesbian women. **Journal of Homosexuality**, New York, v.43, p.15–37, 2002.

MOTT, L. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. **Afro-Asia**, Salvador, v.33, p.9-33, 2005.

NAKAYAMA, T. The impact of an LGBT safe zone project on campus climate. **Journal of College Student Development**, Nashville, v.43, n.4, p.522-539, 1980.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, Gênero e Cura em perspectivas Pastorais Evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.21, n.61, p.115-132, jun. 2006.

NICHOLS, A.C. **An assessment of University of Wisconsin-La Crosse undergraduate students' attitudes toward gay men and lesbians**. 1998. 102f. Dissertation (Master of Science in Education)-College Student Personnel, University of Wisconsin-la Crosse, La Crosse, 1998. Disponível em: <www.mind.wiscosin.edu/bitstream/handle/1793/21856/Nichols.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2010.

NOTA, J. M. **Conhecimentos, atitudes e representações face às homossexualidades entre os futuros professores de Biologia para o ensino secundário geral**. 2012. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação: ensino da Biologia) – Faculdade de Ciências Naturais e Matemática, Universidade Pedagógica, Maputo, 2012.

OSÓRIO, C.; SILVA, T. C. **Buscando sentidos: género e sexualidade entre jovens estudantes do ensino secundário**. Moçambique: WLSA Moçambique, 2008.

PALLANT, J. **SPSS survival manual**. Sydney: Allen & Unwin, 2004.

PATERSON, S. B. **Gay and lesbian human rights: an exploration of attitudes on a Northeastern university campus.** 2008. 58f. Dissertation (Master of Science in Human Development)-University of Maine, Orono, 2008.

PEREIRA, C. R. et al. Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 27, n.1, p.73-82, 2011.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. N. **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS.** 4 ed. rev. e aum. Lisboa: Silabo, 2005.

RIOS, R. R. Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: MEC; SECAD; UNESCO, 2009. p.53-85. (Coleção Educação para Todos).

SILVA, D. da. et al. **Estudo sobre vulnerabilidade e risco de infecção pelo HIV entre homens que fazem sexo com homens na Cidade de Maputo.** USAID; UNFPA: Maputo, 2010.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. **Using multivariate statistics.** Boston: Allyn & Bacon, 2007.

TESTOR, C. P. et al. Teachers' attitudes and beliefs about homosexuality. **The Spanish Journal of Psychology**, Madrid, v.13, n.1, p.138-155, 2010.

THE PEW FORUM ON RELIGION & PUBLIC LIFE. **Tolerance and tension: Islam and Christianity in Sub-Saharan Africa.** Washington DC, 2010. p.331

WEINBERG, G. H. **Society and the healthy homosexual.** Garden City: Anchor, 1972.

WINTER, L. B. M. A. **West Virginia school psychologist's attitudes toward gay and lesbian students.** 2011. 41f. Thesis (Doctor in Education Specialist)-School Psychology, College of Marshall University, Marshall, May 2011.